



MUS

MUSEU DE LEIRIA

EU D

LEI

RIA





<b>PREFÁCIO</b>	7
<b>MUSEU DE LEIRIA</b>	9
<b>1. DO PROJETO DE RECONVERSÃO DO CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO AO PROGRAMA MUSEOLÓGICO DO MUSEU DE LEIRIA</b>	11
<b>1.1. O PROJETO DE RECONVERSÃO DO CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO</b>	13
<b>1.2. O MUSEU DE LEIRIA</b>	15
1.2.1. PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA O PROGRAMA MUSEOLÓGICO	16
1.2.2. CONCEÇÃO DA ESTRATÉGIA MUSEOLÓGICA E MUSEOGRÁFICA: DESENVOLVIMENTO, IMPLEMENTAÇÃO E CONCRETIZAÇÃO	17
1.2.3. O PERCURSO EXPOSITIVO: A EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	18
1.2.4. ACESSIBILIDADES	25
1.2.5. PARCERIAS	27
1.2.6. INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO	28
1.2.7. SERVIÇOS EDUCATIVOS	29
<b>2. HISTÓRIA DO EDIFÍCIO</b>	31
<b>2.1. O CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO DE LEIRIA, LUGAR DA ERUDIÇÃO: BREVE OLHAR A PARTIR DA METÁFORA DO REENCONTRO COM A SUA IDENTIDADE (SÉCULOS XVI A XXI)</b>	33
2.1.1. BREVE OLHAR SOBRE A DIACRONIA DO LUGAR	33
2.1.2. BREVE OLHAR SOBRE A FISIONOMIA DO LUGAR	37
2.1.3. BREVE OLHAR SOBRE AS NOVAS INTERPRETAÇÕES DO LUGAR	41
<b>2.2. ESTÓRIAS DA CIDADE DE LEIRIA: DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XX NO CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO</b>	45
2.2.1. ÂMBITO DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA	45
2.2.2. FASES CONSTRUTIVAS	46
<b>2.3. CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO (LEIRIA). TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO</b>	53
2.3.1. CANTARIAS	53
2.3.2. PINTURA MURAL	55
<b>3. HISTÓRIA DO MUSEU DE LEIRIA</b>	59
<b>3.1. MUSEU DE LEIRIA: UM PERCURSO</b>	61
3.1.1. ANTECEDENTES	61
3.1.2. A I REPÚBLICA: AS ILUSÕES E AS PRIMEIRAS FRUSTRAÇÕES	61





3.1.3. A CRIAÇÃO DO PRIMEIRO MUSEU EM LEIRIA	62
3.1.4. A LONGA HIBERNAÇÃO E AS TENTATIVAS DE RECUPERAÇÃO	64
3.1.5. O SÉC. XXI E OS NOVOS VENTOS	65
<b>4. LEIRIA: IDENTIDADE E TERRITÓRIO</b>	<b>67</b>
4.1. EVOLUÇÃO GEOLÓGICA DA REGIÃO DE LEIRIA	69
4.2. O PATRIMÓNIO PALEONTOLÓGICO ENCONTRADO NO TERRITÓRIO, CENTRADO NA MINA DA GUIMAROTA	73
4.3. DOS PRIMEIROS HOMENS AOS HOMENS COMO NÓS	79
4.4. O PALEOLÍTICO SUPERIOR E AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO HOMEM ANATOMICAMENTE MODERNO NA REGIÃO DE LEIRIA	89
4.5. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA QUINTA DO BISPO (PARCEIROS) - LEIRIA	101
4.6. UM PEQUENO ABRIGO NO VALE DO LAPEDO. A ARTE RUPESTRE NO CONCELHO DE LEIRIA	105
4.7. CASTELO DE LEIRIA	111
4.8. CASTELO DE LEIRIA, CONSTRUÇÕES DE UM LUGAR	117
4.9. O TERRITÓRIO DE <i>COLLIPO</i> DO I MILÉNIO A.C. AO TRIUNFO DO CRISTIANISMO (SÉC. V D.C.)	123
4.10. PINHAL DE LEIRIA	129
4.11. ESCULTURA DE PEDRA DO MUSEU DE LEIRIA	135
4.12. UM PINHAL DE NOMES NUM MAR DE GENTE. ALGUMAS PERSONALIDADES LEIRIENSES	139
4.13. A CIDADE E A DIOCESE - LEIRIA NA ÉPOCA MEDIEVAL E MODERNA	151
4.14. PINTURA EM LEIRIA	157
4.15. A MARCA DE JORGE ESTRELA	173
4.16. CERÂMICA DOS SÉCULOS XVI A XVIII DO CONVENTO DE SANTANA DE LEIRIA	177
4.17. LEIRIA CONTEMPORÂNEA: UMAS NOTAS MUITO BREVES	181
4.18. SÉRGIO LUIZ E GÜY MANUEL: VIDA EFÉMERA, OBRA ETERNA	189
FICHAS TÉCNICAS	198





## 4.6. UM PEQUENO ABRIGO NO VALE DO LAPEDO. A ARTE RUPESTRE NO CONCELHO DE LEIRIA

**Andrea Martins**

Doutora em Arqueologia

UNIARQ – Centro de Arqueologia; FLUL; FCT

[Por opção da autora, o texto segue as normas do antigo Acordo Ortográfico.]

### 1. O Abrigo do Lapedo 1. Historiografia e enquadramento

O Abrigo do Lapedo 1 foi identificado em 1998 por Pedro Ferreira, tendo sido posteriormente integrado em diversos projetos de investigação da signatária. Localiza-se na margem esquerda da Ribeira da Caranguejeira, que atravessa neste troço o denominado Vale do Lapedo. Administrativamente integra-se na freguesia

de União de Freguesias de Santa Eufémia e Boa Vista, concelho e distrito de Leiria.

O abrigo pintado surge a meio do *canyon* do Vale do Lapedo, numa área encaixada e com paredes íngremes em ambas as margens.

### 2. O sítio arqueológico

O espaço decorado é um abrigo de dimensão média com cerca de 15 m de comprimento, altura variável entre 2,5 m na linha de pingo, 1,9 m na área central e 0,80 m na interior, tendo de profundidade cerca de 3 m. (Fig.1). Encontra-se orientado a Sudeste e dispõe-se de acordo com o traçado do vale em que se situa, sendo a visibilidade reduzida quer pela localização em área encaixada do vale como pela exuberante vegetação. As dimensões do abrigo foram provavelmente reduzidas devido à abertura de uma estrada que atravessa todo o vale e que passa mesmo em frente ao abrigo. As paredes calcárias mostram na generalidade, um estado deficiente de conservação. Este terá sido originado pela fracturação das paredes, devido a processos de meteorização e à escassa estabilidade de placas ou pequenos fragmentos de parede.

**Fig.1** Abrigo do Lapedo 1.



Também a colonização de organismos vegetais (inferiores e superiores tais como ervas), a acumulação de poeira nas paredes e a circulação de água nalguns sectores específicos (o que acelera o processo de dissolução) contribuem para o mau estado de conservação do abrigo.

### 3. Descrição do conteúdo iconográfico

O dispositivo iconográfico localiza-se no tecto e na parede de fundo e é constituído por três painéis diferenciados espacialmente tendo em conta particularidades do suporte como orientação e fracturas. (Fig.2). Contêm representações esquemáticas pintadas, sendo o reportório temático muito reduzido. A plataforma do abrigo permite a permanência de cerca de cinco pessoas, sendo que a inclinação acentuada apenas possibilita a visualização das pinturas simultaneamente por duas pessoas.

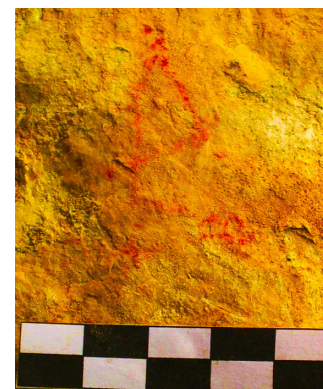
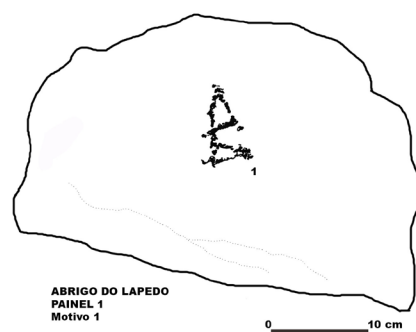


Fig.3 Painel 1 - levantamento do motivo 1.

Fig.4 Painel 1 - motivo 1.

**Painel 2:** Trata-se de uma superfície localizada numa superfície destacada da parede de fundo do abrigo, orientado para Oeste, de disposição oblíqua e morfologia plana. Este painel apresenta 0,45 m de comprimento por 0,28 m de largura e situa-se a 0,40 m do solo do abrigo. (Fig.5)

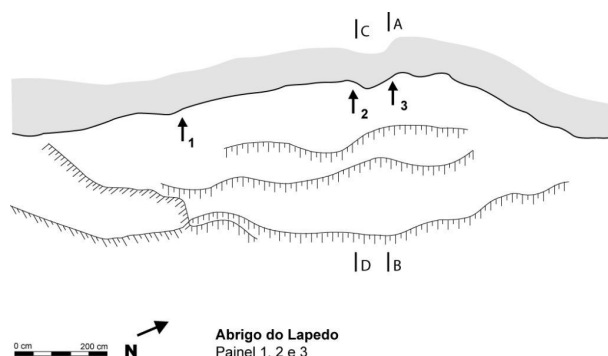


Fig.2 Levantamento com indicação da localização dos 3 painéis.

**Painel 1:** Localiza-se no tecto do abrigo, numa área de morfologia plana mas com micro-relevo sinuoso. Este painel apresenta cerca de 0,20 m de comprimento por 0,28 m de largura e situa-se a 0,65 m do solo do abrigo.

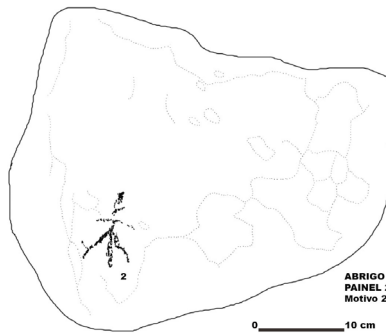
**Motivo 1** – Morfologia caracterizada como um motivo geométrico, de sub-tipo duplo triângulo. Trata-se de uma forma linear, de pelo menos cinco linhas, que se cruzam angularmente, formando dois triângulos. Apresenta de medidas máximas 4 cm de altura e 2,5 cm de largura. A técnica de aplicação de cor foi realizada através da aplicação de um fragmento de colorante em bruto e o seu estado de conservação é bom. (Figs.3 e 4)



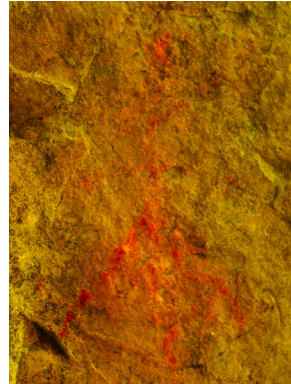
Fig.5 Painel 2 - perfil.

**Motivo 2** – Morfologia caracterizada tipologicamente como uma figura antropomórfica. Constituída por um traço vertical, mais grosso na extremidade superior, cruzado a meio por outro ortogonal e no último terço surgem lateralmente dois traços oblíquos. Reconhece-se assim anatomicamente a região da cabeça e do tronco sem uma diferenciação explícita, as extremidades superiores ortogonais ao corpo, as extremidades inferiores rectas e em ângulo agudo em relação ao tronco e ainda o prolongamento da linha do tronco até à

área inferior, o que poderá corresponder à representação muito desenvolvida do sexo viril, induzindo-nos claramente à atribuição de carácter masculino do motivo. A figura tem de dimensões máximas 10 cm de altura e 6 cm de largura. A técnica de aplicação da cor foi realizada através de um fragmento de colorante em bruto, tal como um lápis e o seu estado de conservação é razoável. (Figs.6 e 7).



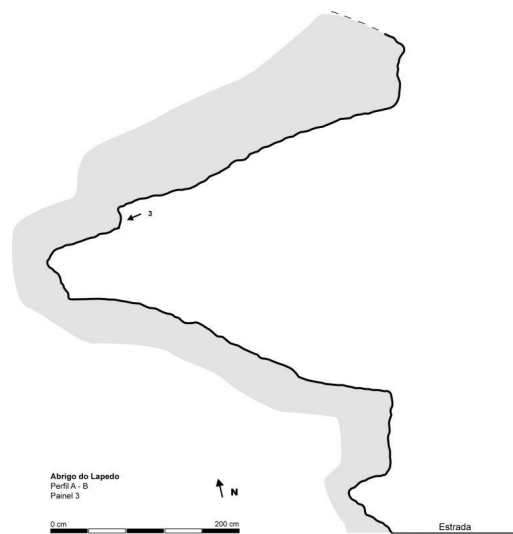
**Fig.6** Paine 2 - levantamento do motivo 2.



**Fig.7** Paine 2 - motivo 2.

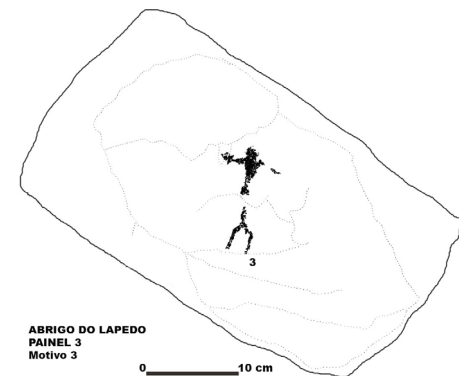
**Paine 3:** Trata-se de uma superfície localizada numa zona destacada da parede de fundo do abrigo, orientado para Este, de disposição vertical, morfologia geral plana e micro-relevo ligeiramente sinuoso. Este paine apresenta 0,25 m de comprimento por 0,37 m de largura e situa-se a 0,60 m do solo do abrigo. (Fig.8).

**Motivo 3** – Morfologia caracterizada tipologicamente como uma figura

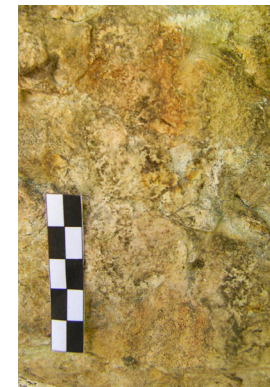


**Fig.8** Paine 3 - perfil.

antropomórfica. Constituída por uma superfície superior de tendência triangular, culminada por uma forma arredondada, partindo da junção destas duas áreas um traço oblíquo para cada lado. Na zona inferior, separada da superior por um despreendimento da superfície, surge um traço vertical que termina bifurcando-se em dois paralelos entre si. Deste modo são actualmente reconhecidas a região da cabeça, o tronco parcialmente esbatido, as extremidades superiores dispostas ortogonalmente em relação ao tronco e as extremidades inferiores em forma de arco. A figura apresenta como dimensões máximas 12 cm de altura e 7 cm de largura. A técnica de aplicação de cor torna-se difícil de certificar devido ao deficiente estado de conservação. (Figs.9 e 10).



**Fig.9** Paine 3 - Levantamento do motivo 3.



**Fig.10** Figura 10. Paine 3 - motivo 3.

#### 4. Os símbolos, o local e a antropização da paisagem

A selecção deste abrigo é um factor determinante para a análise do processo de criação gráfica, pois actualmente não existe mais nenhuma representação reconhecida neste vale. Trata-se de um abrigo pouco destacado na paisagem, com óptima





exposição solar e protegido das incidências meteorológicas. O espaço escolhido para decoração foi o tecto do abrigo, que pela sua morfologia reduzida (a parede de fundo tem em algumas zonas apenas 30cm de altura), adquire nos painéis 2 e 3 características mais verticais ficando o observador de frente para as pinturas. O executante destas pinturas deverá tê-las executado estando sentado ou de cócoras, sendo que para o motivo 1 a posição ainda ficou mais dificultada pela altura baixa do tecto.

Verifica-se a existência de um reduzido reportório temático, tanto do ponto de vista numérico, como em relação à potencial superfície de pintura que oferecem as superfícies do abrigo, levando a que o baixo número de motivos gráficos seja uma característica determinada num momento prévio à execução.

Os antropomorfos são estáticos devido à inexistência de movimento das extremidades e ausência de acção. São figuras planas, sem indicação relativa ao volume, tanto no que se refere à natureza formal de cada uma, como à sua integração no espaço artístico, sendo figuras sem nenhuma referência espacial. Tratam-se de motivos de pequena dimensão, cujas proporções do corpo, tendo como referência o tronco, apresentam um certo grau de coerência nas extremidades superiores e um tamanho pequeno nas extremidades inferiores, como se pode verificar especificamente no primeiro antropomorfo. Em contrapartida ao carácter reduzido, o sexo do segundo antropomorfo é extremamente comprido. O conceito estético das figurações transmitido pela sua natureza formal é esquemático, tendo como característica a simplicidade, a simplificação anatómica e a rigidez das representações.

As duas figuras antropomórficas encontram-se opostas no espaço cénico, cada uma de um dos lados de uma saliência do tecto, não sendo observáveis entre si, estando uma virada para montante (3) e a outra para jusante (2) da ribeira que atravessa o vale. São dois antropomorfos que observam o vale, um claramente masculino e outro sem diferenciação sexual reconhecida, estando

ambos numa posição idêntica, de braços e pernas abertas. Estas duas figuras, que apesar de se localizarem em áreas muito distintas do mesmo suporte, revelam uma organização cénica horizontal, mostrando assim distinções entre as duas representações antropomórficas.

O motivo 1 corresponde a uma morfologia geométrica indeterminada, sendo possível, no entanto, ser interpretado, com muitas reservas, como uma representação ídoliforme triangular (Acosta, 1968: 74).

## 5. Os contextos arqueológicos

O espaço onde se integra o Abrigo 1 do Lapedo corresponde a uma das zonas mais densamente prospectada, em resultado dos múltiplos projectos de investigação que têm tido lugar na região de Leiria desde os anos 90 do último século, bem como de acções mais recentes. No entanto, observando as descrições e números de ocorrências que estes trabalhos geraram, constata-se que há um claro predomínio de ocupações paleolíticas e uma óbvia tendência para avaliar os elementos identificados nas prospecções para esses âmbitos cronológicos. Isto resulta, por um lado, de existir uma clara opção dos investigadores que aqui têm trabalhado em reconhecer e caracterizar este espaço nessas fases pré-históricas, mas, por outro lado, por muitas das ocorrências resultarem, somente, de dados de superfície. Apesar do número elevado de registos de possíveis sítios arqueológicos, ainda ocorre um número muito reduzido de escavações arqueológicas, que poderiam esclarecer com maior rigor a natureza funcional e cronocultural dessas eventuais ocupações.

Relativamente a ocorrências enquadráveis na Pré-História recente destaca-se, pela proximidade, o Abrigo do Lapedo Norte II. Este deverá corresponder a uma ocupação do Neolítico antigo, demonstrado pela presença de cerâmica cardial. Encontra-se parcialmente destruído pela estrada que atravessa do vale, que terá cortado parte significativa do preenchimento original do sítio, expondo um corte com cerca de 2 m de altura de onde foram recolhidos fragmentos de cerâmica impressa e algumas conchas.





Devido ao contexto de proveniência, é difícil confirmar se os referidos achados se encontram associados ou se provêm de extractos diferentes (Angelucci, 2004; Endovélico).

Os sítios arqueológicos Portela 1, Amor 1, Parracheira, Lourais, Crasto e a gruta-necrópole dos Milagres (Endovélico, Carvalho *et al.*, 2005; Santos Neto, 1971) serão mais testemunhos de ocupações neolíticas ou calcolíticas na região. O Calcolítico e a passagem para a Idade do Bronze na região estarão presentes em Parceiros, Granja, Casal da Quinta e Caldelas. No entanto, estes testemunhos provêm de elementos recolhidos à superfície em circunstâncias desconhecidas, pois não há registo em que contextos se terão processado (Endovélico).

#### **6. O Abrigo do Lapedo 1 e a pintura rupestre esquemática em Portugal: enquadramento simbólico-cultural**

As evidências gráficas existentes neste abrigo permitem-nos enquadrá-lo no denominado ciclo artístico da Pintura Rupestre Esquemática (PRE), que apresenta uma uniformidade técnica, temática e simbólica em toda a Península Ibérica. Este longo ciclo artístico, que começa num momento inicial do Holocénico prolongando-se até ao final do Calcolítico, encontra-se segmentado em dois períodos distintos (Martins, 2014),

sendo que o Abrigo do Lapedo 1 enquadra-se no mais recente, a Arte Esquemática Ideográfica. Neste momento, balizado cronologicamente entre o fim do IV e o final do III milénio a.C., estamos perante o apogeu do esquematismo e da abstracção, onde as figuras surgem desprovidas dos seus caracteres formais, tornando-se meramente esquemáticas, um símbolo do seu real significado reconhecido pela comunidade. Esta nova abordagem conceptual acompanha as transformações efectuadas nestas comunidades, com a consolidação do sistema agro-pastoril.

Os antropomorfos presentes neste abrigo serão assim duas representações de possíveis figuras reais, ou entidades que regulavam conceptualmente a comunidade, e que mostram relação com a linha de água próxima. As características do abrigo, imediatamente na margem da ribeira, permitem também relacioná-lo com actividades cinegéticas, que poderiam ser realizadas por alguns membros do grupo.

O Abrigo do Lapedo enquadra-se assim no mesmo universo conceptual e simbólico de outros sítios com Pintura Rupestre Esquemática existentes no centro e norte do território actualmente Português, como a Lapa dos Coelhoos, Pego da Rainha, Ribeiro das Casas, Abrigo de Segura, entre outros. ■

#### **Bibliografia**

- Acosta, P. (1968). La Pintura rupestre Esquemática en Espana. In *Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueología*, 1. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- Angelucci, D. (2004). Estratigrafia do fundo do Vale do Lapedo (Terraço Inferior) – Obras Simlis 2003. *Trabalhos do CIPA*, 65. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Carvalho, V., Gomes, R. & Pajuelo, A. (2005). *Acompanhamento arqueológico dos trabalhos de escavação das empreitadas de execução das infra estruturas da 2ª fase do Sistema Multimunicipal de saneamento do Lis. Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos*. Ocrimira [Não publicado].
- Martins, A.; Rodrigues, A.; García Díez, M. (2004). Arte esquemática do Maciço Calcáreo Estremenho: Abrigo do Lapedo I e Lapa dos Coelhoos. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, 15, 15-27.
- Martins, A. (2005). Arqueologia Cognitiva em Leiria: a Arte Rupestre. In S. Carvalho (coord.), *Habitantes e Habitats. Pré e Proto-história na Bacia do Lis* (pp. 104-117). Leiria: Câmara Municipal de Leiria.
- Martins, A. (2011a). Arte esquemática em Portugal: um projecto em construção. In OrJIA (eds.), *Actas de las II Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica (Madrid, 6, 7 y 8 de Mayo de 2009)* (pp. 815-818), Tomo II.
- Martins, A. (2011b). Shelter with schematic painted arte in Portugal – Territories and symbolologies. In E. López-Montalvo & M. Sebastián Lopez (coords.), *El Legado artístico de las Sociedades Prehistóricas – Nuevos paradigmas de análisis y documentación* (pp. 111-113). Zaragoza: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Zaragoza.
- Martins, A. (2013a). Arte Esquemático en Portugal: los abrigos com pinturas del Macizo Calcáreo Extremeño. In J. Martínez García & M. Hernández Pérez (coord.), *Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica – II Congreso 2010* (pp. 317-323). Vélez-Blanco: Ayuntamiento de Vélez-Blanco.





Martins, A. (2013b). A Pintura Rupestre Esquemática em Portugal: muitos sítios, mesmas pessoas? In J. Arnaud, A. Martins & C. Neves (coord.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos* (pp. 495-505). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Martins, A. (2014). *Abrigos de Arte Esquemática Pintada do Centro de Portugal: mundo simbólico e antropização da paisagem*. (Tese de Doutoramento). Universidade do Algarve, Faro.

Santos Neto, M.C. (1971). Notícias sobre monumentos e objectos pré-históricos de Monte Real, concelho de Leiria e das vizinhanças de Grândola e Melides. *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 5, 37-50.

### Referências online

Direção-Geral do Património Cultural (s/d). *Portal do Arqueólogo*. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>





## FICHAS TÉCNICAS

### Museu de Leiria



#### MONOGRAFIA

**TÍTULO** Museu de Leiria

**COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO** Vânia Carvalho (Câmara Municipal de Leiria), António Tavares e Alice Cravo (ArqueoHoje, Lda)

**COORDENAÇÃO E EXECUÇÃO DE PROJETO** ArqueoHoje, Lda

**APOIO TÉCNICO** Cátia São José, Mário Coelho e Sara Marques da Cruz (Museu de Leiria)

**CAPA** Luís Ferreira

**DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO** Luís Ferreira e Paulo Pereira

**EDIÇÃO** Município de Leiria

**IMPRESSÃO** Greca, Artes Gráficas Lda

**ISBN** 978-989-20-9229-4

**DEPÓSITO LEGAL** 454692/19

**TIRAGEM** 1250

#### MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

**PROMOTOR** Município de Leiria

**CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA** Presidente – Raul Castro;  
Vereador da Cultura – Gonçalo Lopes

**PROGRAMA MUSEOLÓGICO** Município de Leiria

**COORDENAÇÃO DO PROGRAMA MUSEOLÓGICO** Gonçalo Lopes, Pedro Ferreira, Vânia Carvalho e António Moreira de Figueiredo (Câmara Municipal de Leiria)

**COORDENAÇÃO E GESTÃO** Joaquim Garcia, Luís Filipe Gomes e António Tavares (ArqueoHoje, Lda)

**MUSEOGRAFIA, EXECUÇÃO E MONTAGEM** ArqueoHoje, Lda  
**MUSEOLOGIA E CURADORIA** Ricardo Pereira, Vânia Carvalho, Isabel Inácio e Joaquim Garcia

**ARQUITETURA EXPOSITIVA** Daniela Michelli López (Pitanga Design)

**DESIGN GRÁFICO E DE COMUNICAÇÃO** Luís Marques Ferreira (Pitanga Design)

**ILUMINAÇÃO CENOGRÁFICA** Pedro Forca (Lighter, Lda)

**MULTIMÉDIA** Vasco Pereira, Ricardo Cosme, João Rodrigues, Sérgio Gaspar, David Rosário e Pedro Ferreira (Evoke It)

#### SOM E IMAGEM/AUDIOVISUAIS

**REALIZAÇÃO, DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA E DESIGN SONORO** Diogo Castanheira Vilhena

**OPERADOR DE CÂMARA** Nuno Silva Matos

**GUIONISTAS** Luís Mourão, Ana Cristina Araújo e Ana Maria Costa

**GUIÃO DE FILME** Luís Mourão

#### ILUSTRAÇÃO

**DIREÇÃO E CONCEÇÃO DE ARTES** Nuno Farinha

**CRÉDITOS DE IMAGEM** Nuno Farinha, Davide Bonadonna e Dreamstim

**FOTOGRAFIA** Nuno Farinha e Joaquim Garcia

**CONSULTORIA E PRODUÇÃO DE TEXTOS** Acácio de Sousa, Ana Cristina Araújo, Ana David Mendes, Ana Maria Costa, Ana Rita Trindade, Anabela Quintela Veiga, Andrea Martins, António

Moreira de Figueiredo, Bruno Camilo Silva, Gertrudes Zambujo, Isabel Inácio, João Pedro Bernardes, João Pedro Cunha Ribeiro, Jorge Estrela, Marco Daniel Duarte, Paula Cândido, Pedro Redol, Randi Danielsen, Ricardo Pereira, Saul António Gomes, Vânia Carvalho e Vítor Serrão

**EQUIPA MUNICIPAL** Abílio Castanheira, Alcina Silva, Alexandra Silva, Ana Correia, Ana David Mendes, Ana Pité, Anabela Carvalho, Ângela Pereira, Artur Figueiredo, Augusto Aveleira, Carlos Alberto Marques, Carlos Freitas, Catarina Dias, César Dias, Cristina Cruz, Délia Valério, Dulce Lopes, Elisa Braceiro, Fátima Silveirinha, Fernando Almeida, Francisco Zúquete, George Silva, Hugo Rosa, Irene Crespo, Isabel Brás, João Carreira, João Ferreira, João Morgadinho, Joaquim Marques, Jorge Ferreira, José Carlos Silva, José Luís Palricas, Luís Oliveira, Luís Pinela, Manuela Oliveira, Maria Dulcília Santo, Maria Graça Rosinha, Mário Coelho, Miguel Narciso, Nuno Cardoso, Nuno Monteiro, Patrícia Bispo, Paula Gomes, Paulo Sousa, Pedro Ferreira, Rita Coutinho, Sandra Costa, Sidney Lopes, Sofia Carreira, Sofia Pereira, Susana Neffe, Telmo Gomes, Teresa Jordão, Verónica Esperança e Vitória Mendes

**Consultoria e comissões científicas (2008/2011)** Acácio de Sousa, Alda Mourão, Alexandre Valinho, Ana Bonifácio, António Faustino Carvalho, Bruno Camilo Silva, Carlos Vieira, Diego Angelucci, Eugénia Cunha, Fernando Magalhães, Francisco Almeida, Gertrudes Zambujo, Helena Catarino, Helena Frade, Helena Veludo, Isabel Inácio, João Nazário, João Pancada Correia, João Pedro Bernardes, João Pedro Cunha Ribeiro, João dos Santos, Joaquim Ruivo, Jorge Estrela, José Ruivo, José Vitorino Guerra, Maria Amélia Dionísio, Maria de Fátima Bentes, Mário Rodrigues, Mário Varela Gomes, Nuno Bicho, Nuno Granja, Pedro Gonçalves, Ricardo Charters de Azevedo, Rosa Varela Gomes, Saúl António Gomes, Susana Carvalho, Telmo Pereira, Thierry Aubry e Vítor Lourenço

**CONSULTORIA NA ÁREA DA ACESSIBILIDADE REDUZIDA** Ataraxia – Estudos e Serviços em Tecnologias de Informação Lda, CRID – Centro de Recursos para a Inclusão Digital – Instituto Politécnico de Leiria, Célia Sousa (CRID-IPL), Josélia Neves (ArqueoHoje, Lda.)

**COLABORAÇÃO E PARCERIAS INSTITUCIONAIS** Arquivo Distrital de Leiria, Diocese de Leiria-Fátima, Direção Geral do Património Cultural, Direção Regional de Cultura do Centro, Instituto Politécnico de Leiria, Laboratório Nacional de Engenharia e Geologia e Sociedade de História Natural – Laboratório de Paleontologia e Paleoeecologia

**TRADUÇÃO** Ana Osório Bica e Patrícia Melo (Inglês), Antónia Tinturé (Castelhano), Alphatrad Portugal e Victor Cardoso (Francês), Ana Cristina Araújo e Ana Maria Costa (Paleolítico Superior/Abrigo do Lagar Velho), Fátima Domingez Ceballos e Sixto Fernández López (Castelhano), Nélio Diogo (Francês) e Evelina Santos (Francês) (Evolução geológica da Guimarães e formação dos terraços fluviais), João Pedro Bernardes (casa e moedas romanas)

**PRODUÇÃO DE MOBILIÁRIO E CENOGRAFIA EXPOSITIVA** Móveis Carpintaria Alívio, Lda, ESAG – Estúdio de Artes Gráficas, Lda.

#### PRODUÇÃO DE SUPORTES EXPOSITIVOS

**PRODUÇÃO E MONTAGEM DE PAREDES DIVISÓRIAS E EXPOSIÇÕES EM GESSO LAMINADO** Placobajouca, Lda

**MONTAGEM DA ILUMINAÇÃO CÊNICA** Vmalberto, Lda.